A poesia ingênua de Alberto Caeiro

Marijara Oliveira da Rocha¹

Resumo: Em seu ensaio *Poesia ingênua e sentimental*, Friedrich Schiller apresentou o conceito de poeta ingênuo e poeta sentimental, segundo o qual a produção artística do ingênuo seria resultado do contato direto entre o poeta e a natureza, enquanto a poesia sentimental resultaria da reflexão mediada pela razão, devido à impossibilidade de se travar uma experiência direta com a natureza na modernidade. Considerando os conceitos organizados pelo filósofo alemão, e ainda a definição de gênio, apresentada por ele na mesma obra, o presente artigo tem por objetivo analisar os poemas de *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro, a partir dos conceitos de poesia ingênua e de gênio, apresentados por Schiller.

Palavras-chave: poesia, ingênuo, gênio, natureza.

Abstract: In his essay naive and sentimental poetry, Friedrich Schiller introduced the concept of naive and sentimental poet, whereby the artistic production of the naive would result from direct contact between the poet and nature, while the result of sentimental poetry mediated by reason reflections due impossibility to catch a direct experience with nature in modernity. Whereas the concepts organized by the German philosopher, and even the definition of genius, presented by him in the same work, this article aims to analyze the poems of The Keeper of Sheep, Alberto Caeiro, the concepts of naive poetry and genius, presented by Schiller.

Key-words: poetry, naive, genius, nature.

Introdução

Em 1800, o filósofo alemão Friedrich Schiller apresentou ao público seu ensaio *Poesia ingênua e sentimental*, no qual, baseando-se na oposição entre natureza e cultura, desenvolve o conceito de poeta ingênuo (antigo) e poeta sentimental (moderno).

Em sua obra, Schiller alega que o processo de modernização separou o homem da natureza, por isso, a produção artística dos antigos – que viviam em harmonia com a natureza – era diferente da criação dos modernos – apartados do ambiente natural. De acordo com essa perspectiva, a poesia ingênua expressaria um modo de o poeta sentir, que revelaria sua intimidade com a natureza; sua

¹ Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: marijararocha@hotmail.com

produção não é mediada pelo artifício, possui relação direta com o mundo natural. A poesia sentimental não pode mais atingir a plenitude do mundo natural – devido à ruptura entre o homem e o mundo natural –, então, através da reflexão, o poeta busca acessar a natureza de forma ainda mais completa, como um Ideal. Essa relação subjetiva permite ao poeta sentimental criar uma obra na qual a natureza não se apresenta como realidade, mas como realização de um Ideal.

Objetivando sustentar sua teoria sobre a naturalidade da poesia ingênua, Schiller afirma que todo gênio deve ser, por excelência, ingênuo, ou, do contrário, não será gênio. Segundo o autor, por ser considerado tradutor da natureza, o gênio não poderia construir outra relação com ela, que não fosse a de ingenuidade. Sendo assim, o gênio seria aquele que possui a capacidade de compreender a natureza em seu íntimo, e apresentá-la, de forma simples, em sua produção artística.

Baseando-nos nas ideias propostas por Friedrich Schiller, em *Poesia ingênua e sentimental*, buscaremos identificar nos poemas de *O Guardador de Rebanhos* elementos que caracterizem Alberto Caeiro como gênio ingênuo, e apontaremos ainda traços de poesia ingênua nos poemas do mestre de Fernando Pessoa.

Alberto Caeiro é o mais objetivo dos heterônimos de Pessoa. Ele elimina qualquer vestígio de subjetividade, em busca da objetivismo absoluto. É o poeta que se volta para a fruição direta da natureza, mantendo, para esse fim, contato direto e íntimo com o mundo natural. Nega a metafísica e valoriza a aquisição do conhecimento através das sensações não intelectualizadas; é contra a interpretação do real pela inteligência: para ele o real é a exterioridade, assim como ela se apresenta, e não devemos acrescentar-lhe as impressões subjetivas.

Caeiro canta o viver sem dor, o envelhecer sem angústia, o morrer sem desespero, o fazer coincidir o ser com o estar, o

combate ao vício de pensar, o ser um, ser uno com a natureza, e não fragmentado.

1. Poesia ingênua e sentimental

A *Poesia ingênua e sentimental*, publicada em 1800, fundamenta-se na oposição entre natureza e cultura, oposição essa personificada pelos poetas antigos (ingênuos) e modernos (sentimentais). Na época de produção da obra, a Europa ainda discutia a possibilidade de as produções artísticas modernas igualarem-se às produções dos antigos. Esses debates ficaram conhecidos como “a querela entre antigos e modernos”. As discussões da querela serviram de motivação para a obra de Friedrich Schiller, contudo, o autor evitou usar os termos *clássico* e *moderno*, pois objetivava caracterizar a produção poética a partir da maneira de sentir específica do artista.

Segundo o autor, a relação que os gregos mantinham com a natureza era completamente diferente da relação moderna. Conforme o autor, para os gregos, “a natureza parece interessar mais seu entendimento e sua avidez de saber do que seu sentido moral; não se apegam a ela com afeição, com sentimentalismo, com doce melancolia, como nós outros modernos.” (SCHILLER, 1991).

Ainda de acordo com Schiller, esse processo de separação entre homem e natureza deveu-se à modernidade, por isso, o poeta moderno deveria buscar suplantar o antagonismo existente entre natureza e cultura, tendo como objetivo final um Ideal, onde se poderia reencontrar o estado de integração com a natureza, há muito perdido. E o filósofo ainda acrescentou: mais importante que atingir o Ideal, era a busca por esse Ideal. Ele ainda admite que essa busca é inatingível, tornando-se então, infinita: para ele, o retorno à natureza primitiva é impossível.

Schiller partia do princípio de que havia duas formas para o fazer poético. Essas duas formas estariam associadas ao modo

como o poeta se relacionava com a natureza: *ser* natureza, ou *buscar* a natureza perdida – de modo que o poeta ingênuo estaria relacionado ao mundo dos sentidos, enquanto o poeta sentimental, ao mundo das ideias. Desse modo, “O ingênuo e o sentimental, (...), distinguem-se pelo fato de o primeiro referir-se a uma maneira natural ou instintiva de criar, ao passo que o segundo se destaca por um procedimento eminentemente reflexivo” (SUZUKI, In: SCHILLER, 1991).

O poeta ingênuo seria aquele que desfruta da intimidade com a natureza, sua obra não é um artifício, apresenta relação direta com o mundo natural. Conforme Schiller nos diz: “Chamei a poesia ingênua de um favor da natureza, para lembrar que a reflexão não tem participação alguma nela.” (SCHILLER, 1991).

Segundo esse pensamento, a poesia ingênua seria encarada como um presente da natureza; sua existência não seria mérito do poeta, mas da natureza que se realiza através dele.

O artista ingênuo soluciona os problemas mais complexos de sua arte com a mesma naturalidade com que vive. De maneira simples e desenvolta faz nascer uma obra que, pronta, parece não guardar vestígio de toda a habilidade técnica empregada em produzi-la. O efeito que causa é, por isso, comparável à impressão que se tem diante de algo gerado pela natureza, não pelo engenho do homem. (SUZUKI, In: SCHILLER, 1991)

Existe uma espontaneidade na poesia ingênua, e é essa espontaneidade a responsável pela comunhão entre beleza e natureza. A relação dos antigos com a natureza era completa e perfeita em si mesma, pois se encontra em harmonia consigo mesmo e com o mundo exterior.

Na poesia sentimental, o processo criativo baseia-se na construção racional do poeta: aqui, a beleza é obtida através do trabalho racional do artista, que transformou a natureza em uma Ideal.

A maneira de criar do gênio moderno é essencialmente reflexiva, mesmo quando reclama para si o sentimentalismo. (...) Na reflexão, de resto, também está a diferença essencial entre o poeta ingênuo e o sentimental. Mera virtualidade no homem ingênuo ou natural, a reflexão é apanágio exclusivo do indivíduo sentimental ou “civilizado”. (SUZUKI, In: SCHILLER, 1991)

O homem moderno vive uma busca eterna por um ideal; essa busca é guiada pela razão e também pela liberdade, que conduz o moderno pelo caminho da aspiração do Ideal. Ao deparar-se com a realidade de sua época, o poeta sentimental torna-se melancólico, pois deseja retornar a um período no qual as preocupações modernas ainda não existiam, mesmo que esse retorno ocorra apenas na ideia:

São, portanto, expressão de nossa infância perdida, que para sempre permanece como aquilo que nos é mais precioso; por isso, enchem-nos de uma certa melancolia. Ao mesmo tempo, são expressões de nossa suprema completude com o Ideal, transportando-nos, por isso, a uma sublime comoção. (SCHILLER, 1991)

O sentimento de perda é característico do poeta sentimental: é esse sentimento que causa a sensação de nostalgia do passado, período em que havia a perfeita união entre homem e natureza. A realidade do passado passa então a ser substituída pelo Ideal: agora, somente através da ideia, poderia se realizar a comunhão que se havia perdido.

O homem moderno, depois de experimentar o processo civilizatório, desejava voltar à natureza passada. Friedrich Schlegel compartilhava do pensamento schilleriano:

A poesia dos antigos era a da posse, a nossa é a da saudade (e anseio); aquela se ergue, firme, no chão do presente, esta oscila entre recordação e pressentimento. O ideal grego era... a concórdia e o equilíbrio perfeitos de todas as forças; a harmonia natural. Os novos, porém, adquiriram a consciência da fragmentação interna que torna impossível este ideal; por isso a sua poesia aspira a reconciliar os dois mundos em que

nos sentimos divididos, o espiritual e o sensível, fundindo-os de um modo indissolúvel... (SCHLEGEL, 1994)

Na poesia ingênua, a ideia de natureza é inteiramente baseada na experiência, enquanto na poesia sentimental, a razão constrói o conceito de natureza através da reflexão; esse conceito é mais amplo que a experiência gerada pelos sentidos, e se expande no infinito da consciência:

Quis mostrar a diferença do caminho pelo qual poetas antigos e modernos, ingênuos e sentimentais, rumaram para a mesma meta – quis mostrar que se aqueles nos comovem pela natureza, individualmente e viva sensibilidade, estes demonstram, pelas ideias e pela espiritualidade, um poder igualmente grande, embora não tão amplo, sobre nossa mente. (SCHILLER, 1991)

Friedrich Schiller acrescenta ainda, em seu ensaio, o conceito de gênio: apresentado pelo autor como o tradutor da natureza. O gênio seria aquele que tem a capacidade de compreender a natureza em seu íntimo, o que o torna mais suscetível aos seus mistérios. Essa capacidade de compreensão ultrapassa os limites de sua produção artística. Partindo desse princípio, todo gênio seria ingênuo. “Todo verdadeiro gênio tem de ser ingênuo, ou não é gênio: Apenas sua ingenuidade o torna gênio, e ele não pode negar no plano moral aquilo que é no plano intelectual e estético.” (SCHILLER, 1991)

Contudo, mesmo ingênuo, o gênio poderia surgir também na modernidade, o que constituiria uma oportunidade da humanidade reestabelecer o vínculo outrora perdido com a natureza.

Se a ingenuidade é a condição do gênio, isso implica, todavia, que o *ser* natureza do poeta ingênuo representa um *dever ser* para os poetas sentimentais. Impossibilitados (pela “época em que floresceram” ou por “condições acidentais”) de ser ingênuos, de criar naturalmente segundo a maneira grega, os poetas modernos têm ali, na natureza ingênua, um objeto a ser buscado, um Ideal de beleza. (SUZUKI, In: SCHILLER, 1991)

O gênio não segue regras, pelo contrário, ele estabelece as normas. Ele desconhece as regras, ignora medidas, não precisa de parâmetros para criar uma obra de arte. Sua função é a de mediador entre a natureza e o homem simples: ele é o mensageiro da natureza, porque consegue converter o complexo em simples, e o faz com beleza:

Legitima-se como gênio somente por triunfar com simplicidade sobre a arte complexa. Não procede segundo princípios conhecidos, mas segundo inspirações e sentimentos; suas inspirações, porém, são estros de um deus (tudo o que a natureza sadia faz é divino), e seus sentimentos são leis para todos os tempos e todas as estirpes humanas. (SCHILLER, 1991)

Tomando por base os conceitos de Schiller e a sua proposição de que os sentimentos do gênio são leis para todos os tempos, buscaremos apresentar características da poesia ingênua e da produção artística do gênio no poema *O guardador de rebanhos*, de Alberto Caeiro.

2. O Mestre Caeiro

Alberto Caeiro é considerado o mestre dos demais heterônimos e o próprio ortônimo de Fernando Pessoa. Calmo, naturalmente conciliado consigo mesmo e com o mundo, possui a mansidão e a sabedoria que os outros ambicionam ter.

É o mais objetivo dos heterônimos. Preza pelo objetivismo absoluto, buscando eliminar qualquer vestígio de subjetividade. É o poeta que se volta para a fruição direta da natureza; busca sentir as coisas como naturalmente o são. Opõe-se radicalmente ao intelectualismo, à abstração, à especulação metafísica e ao misticismo.

O poeta adota uma linguagem simples, direta, aproximando-se de um discurso oral. Os versos são simples e diretos, próximos do livre andamento da prosa, e privilegiam o nominalismo e o

realismo sensorial. É o menos "culto" dos heterônimos, o que menos conhece a Gramática e a Literatura. Mas, sob a aparência exterior de uma justaposição arbitrária e negligente de versos livres, há uma organização rítmica cuidada e coerente.

O próprio Fernando Pessoa encarregou-se de apresentar o mestre:

"Nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão, nem educação quase alguma, só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia avó. Morreu tuberculoso." (PESSOA, 1986)

Pessoa cria uma biografia para Caeiro que se encaixa com perfeição na sua poesia, como podemos observar nos 49 poemas da série *O Guardador de Rebanhos*. Segundo ele, os versos foram escritos na noite de 08 de março de 1914, de um só fôlego, sem interrupções. Esse processo criativo espontâneo traduz exatamente a busca fundamental de Alberto Caeiro: completa naturalidade.

O poeta compreende o mundo sem necessidade de explicações, sem princípio nem fim, e confessa que existir é um fato maravilhoso; por isso, crê na "eterna novidade do mundo". Para Caeiro, o mundo é sempre diferente, sempre múltiplo; por isso, aproveita cada momento da vida e cada sensação na sua originalidade e simplicidade.

3. A poesia ingênua de Alberto Caeiro

Alberto Caeiro apresenta-se como um simples "guardador de rebanhos", que só se importa em ver de forma objetiva e natural a realidade, com a qual está em contato a todo o momento. Daí o seu desejo de integração e de comunhão com a natureza.

Para o poeta, "pensar" é estar doente dos olhos. Ver é conhecer e compreender o mundo, por isso, pensa vendo e ouvindo.

Recusa o pensamento metafísico, afirmando que “pensar é não compreender”.

Caeiro é o poeta da natureza, que está de acordo com ela e a vê na sua constante renovação. Observando o mundo, personifica o sonho da reconciliação com o universo, com a harmonia pagã e primitiva da natureza.

A produção poética de Alberto Caeiro é uma representante da poesia ingênua caracterizada por Schiller, pois apresenta um poeta em harmonia completa e total com a natureza, o qual estabelece como parâmetros para sua vida, os objetos naturais.

Em *Poesia ingênua e sentimental*, Friedrich Schiller defende a ideia de que, somente no mundo antigo era possível encontrar o homem pleno, completo em sua relação com a natureza. De acordo com ele, toda poesia deveria destinar-se à apresentação da natureza humana. O que distinguiria então o poeta ingênuo do sentimental, seria a relação com a natureza, direta e espontânea do primeiro, e idealizada do último. Os oito primeiros versos de *O guardador de Rebanhos* vêm apresentar essa intimidade com a natureza outrora usufruída pelo homem natural:

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da natureza sem gente
Vem sentar-se ao meu lado.
(PESSOA, 2011)

Nos versos acima, o eu lírico apresenta-se em contato íntimo com a natureza, sua alma é como um ser integrante da natureza: a relação entre espírito e natureza é tão profunda, que esta vem sentar-se ao lado do poeta.

“Isso decorre de que, entre nós, a natureza desapareceu da humanidade, e de que só a reencontramos em sua verdade fora

desta, no mundo inanimado”. (SCHILLER, 1991) E Alberto Caeiro confirma essa ideia no seguinte trecho:

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de
todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que o nossos olhos
nos podem dar.
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.
(PESSOA, 2011)

Na poesia ingênua, o conceito de natureza baseia-se na experiência do artista: a natureza o faz uno consigo, tornando-o perfeito em sua espécie. O poeta ingênuo é natureza:

E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer coisa natural –
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
Com a manga do bibe riscado.
(PESSOA, 2011)

A poesia ingênua está atada ao real, ela é elaborada através da experiência e da sensibilidade do artista. No entanto, a arte ingênua parece não ter passado pela habilidade do artista, é como se tivesse sido gerada pela própria natureza:

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior

Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado
E a minha poesia é natural como o levantar-se vento...
(PESSOA, 2011)

A marca do poeta sentimental é a reflexão através da razão. Ele emprega esse benefício na busca de compreender a cultura como meio de retorno ao estado de unidade com a natureza. Ele não é mais determinado por uma causa exterior, mas pelo princípio interior da razão. Alberto Caeiro, entretanto, entende que a natureza deve ser usufruída, e não pensada. Para ele, pensar, refletir, era estar doente:

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo.

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar...
(PESSOA, 2011)

Atendo-nos agora ao conceito de gênio estabelecido por Schiller, percebemos que em *O Guardador de Rebanhos*, o poeta também se comporta como uma espécie de mediador entre a natureza e o homem simples, escreve intuitivamente, buscando uma despersonificação, ou seja, a fusão entre seus sentimentos e a natureza:

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,

E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.
(PESSOA, 2011)

Nos versos citados, Caeiro alega “saber a verdade” a partir da sua intimidade com a natureza; esse conhecimento da verdade só seria possível ao gênio ingênuo. Aqui, o poeta personifica o desejo de reconciliação com o Universo, com a harmonia primitiva da natureza, valorizando as sensações e o amor pela natureza.

Alberto Caeiro apresenta a vida de modo simples, objetivo e natural. Aceita a realidade assim como ela se mostra ao poeta: um mundo sem necessidade de explicações, sem princípio nem fim, onde existir é um facto maravilhoso. Ele rejeita o pensamento e os sentimentos porque desvirtuam a realidade: a nostalgia, o anseio, o receio são emoções que perturbam a nitidez da visão de que depende a clareza de espírito.

Caeiro vê todas as coisas da natureza como diferentes e necessárias; mesmo a infelicidade e a morte, por serem naturais, são também necessárias:

Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento...
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz
Para se poder ser natural...

Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se.
Por isso tomo a infelicidade como a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva...

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja...

A valoração da felicidade está condicionada ao ritmo do mundo natural: se, na natureza, os dias e os fenômenos climáticos se alternam, a felicidade intensa e contínua não se configura ao poeta como natural. Na natureza, como diz o poeta, há alternância entre montanhas e planícies, entre a durabilidade da rocha e a transitoriedade da erva; então, para ser natural, é necessário preservar essas qualidades na felicidade ou infelicidade, e aceitar a morte como a conclusão de uma jornada, do mesmo modo como o poente e a noite o são de um dia.

Ele procura ver as coisas como elas são, por isso quer se despir das significações, dos sentidos prévios, para ver, só ver e sentir. Caeiro quer abrir o olhar à realidade nua das coisas, captar sua singularidade. Ver seria isso.

Conforme foi exposto, para Alberto Caeiro, o conhecimento é mediado pela relação direta com a natureza, e não pela Razão. Para ele, a realidade do mundo está nos sentidos dos seres humanos, e não em seus pensamentos. Assim, adquirimos o conhecimento a partir do que vemos, ouvimos, cheiramos ou tocamos na natureza, pelo contato direto.

Desse modo, os poemas de *O Guardador de Rebanhos* vêm apresentar Alberto Caeiro como representante da poesia ingênua caracterizada por Friedrich Schiller no ensaio *Poesia ingênua e sentimental*: aquela que possui uma relação próxima com a natureza.

4. Considerações finais

No ensaio *Poesia ingênua e sentimental*, publicado em 1800, Friedrich Schiller, procura caracterizar a produção poética dos autores antigos e modernos.

De acordo com o autor, a poesia ingênua seria aquela ainda não apartada da natureza, mantendo-se mais próximo do referencial, tendo como sua manifestação completa, plena, a poesia da Antiguidade.

A poesia sentimental seria aquela afastada da natureza, o que desencadearia uma busca de reaproximação com o mundo natural, ainda não corrompido pela modernidade. Essa reaproximação só poderia ser mediada pela reflexão.

No mesmo ensaio, Schiller busca delimitar o conceito de gênio, afirmando que todo gênio verdadeiro deveria ser ingênuo, ou não seria gênio. Essa afirmação, contudo, não circunscreve o gênio à Antiguidade. De acordo com o filósofo, ser ingênuo ou moderno não está condicionado à época de produção do artista, mas à sua relação com a natureza: *ser natureza* ou *buscar a natureza*.

Dessa forma, o gênio ingênuo poderia ser também identificado na modernidade. De acordo com Schiller, o gênio é espontâneo e sempre busca a natureza e a verdade. O gênio ainda teria a capacidade de impor sua simplicidade (fazer artístico simples) sobre a complexidade estética; ele também não segue padrões, pois é movido pela inspiração e pelos sentimentos.

Baseados nos princípios schillerianos apresentados, identificamos elementos da produção poética ingênua nos poemas que compõem a obra *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa.

O mestre Caeiro, conforme disse o próprio Fernando Pessoa, é o poeta voltado para a simplicidade e as coisas puras. Vive em contato com a natureza, extraindo dela os valores ingênuos com os quais alimenta a alma. É um poeta bucólico, que foge para o campo, onde encontra maneira poética de sentir e de viver.

Os poemas de Caeiro baseiam-se na negação da metafísica e na valorização da aquisição do conhecimento através das sensações não intelectualizadas; ele é contra a interpretação do real

pela inteligência, porque, para ele, o real é a exterioridade e não devemos acrescentar-lhe as impressões subjetivas.

Poeta da natureza, na sua perpétua renovação e sucessão, é representante do princípio da *aurea mediocritas*, da simplicidade da vida rural; apresenta-se como um simples “guardador de rebanhos”, que só se importa em ver de forma objetiva e natural a realidade, com a qual se conecta a todo o momento. Daí o seu desejo de integração e de comunhão com a natureza.

Alberto Caeiro corresponde ainda ao perfil do gênio ingênuo apresentado por Schiller, pois, para o heterônimo, fazer poesia constituía uma atividade espontânea e involuntária, não mediada pela razão. Sua produção poética buscava a mediação entre a natureza, íntima ao poeta, e o homem simples, o que o tornou o poeta do real e do objetivo.

Referências bibliográficas

PESSOA, Fernando. *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. Introdução, organização e notas de António Quadros. Lisboa: Publ. Europa-América, 1986.

PESSOA, Fernando. *Poemas completos de Alberto Caeiro*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2011.

SCHLEGEL, F. *Conversa sobre poesia e outros fragmentos*. Tradução, prefácio e notas de Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, 1994.

SCHILLER, F. *Poesia Ingênua e Sentimental*. Tradução, apresentação e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.

Recebido em 04/02/2016. Aprovado em 02/04/2016.